



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALEXSANDRO DOS SANTOS LOPES

**DEFICIENTES VISUAIS E PRÁTICA DE ATLETISMO PARALÍMPICO:
UMA ANÁLISE BIOECOLÓGICA DESTA RELAÇÃO**

BELÉM – PA

2022

ALEXSANDRO DOS SANTOS LOPES

DEFICIENTES VISUAIS E PRÁTICA DE ATLETISMO PARALÍMPICO:
UMA ANÁLISE BIOECOLÓGICA DESTA RELAÇÃO

Artigo científico apresentado à Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Para, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Educação física.

Orientador: Prof. Dr. Anselmo de Athayde Costa e Silva.

BELÉM – PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficcat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

D722d dos Santos Lopes, Alexsandro.
DEFICIENTES VISUAIS E PRÁTICA DE ATLETISMO
PARALÍMPICO : UMA ANÁLISE BIOECOLÓGICA DESTA
RELAÇÃO / Alexsandro dos Santos Lopes. — 2022.
24 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Anselmo de Athayde Costa E Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Faculdade de
Educação Física , Belém, 2022.

1. desenvolvimento humano. 2. atletismo paralímpico. 3.
bioecologia. 4. deficiência visual. 5. resiliência. I. Título.

CDD 613.7040871

ALEXSANDRO DOS SANTOS LOPES

DEFICIENTES VISUAIS E PRÁTICA DE ATLETISMO PARALÍMPICO:
UMA ANÁLISE BIOECOLÓGICA DESTA RELAÇÃO

Artigo científico apresentado à Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Para, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Educação física.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

Belém, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Anselmo de Athayde Costa e Silva.
Orientador (UFPA)

Prof. Dr. Flavius Augusto Pinto Cunha
Examinador 1 (UFPA)

Profa. Me. Mônica dos Anjos Costa Rezende
Examinadora 2 (UFPA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Marisa Leite, e aos meus avós, Vanete Leite e Manoel dos Santos, por sempre estarem apoiando minhas decisões acadêmicas e esportivas. Muitas vezes vocês não entendiam do que se tratavam essas decisões, mas sempre me deram forças e me colocaram em suas orações.

Aos meus irmãos, primos e tios, pelas palavras e orações. Meu muito obrigado!

Aos meus irmãos de consideração e amigos do meio paralímpico, Alexandre Gibson, Luiz Felipe, Larissa Gabriela. O esporte me fez conhecê-los, e cada um de vocês têm um papel especial na minha vida.

À professora Katia Lima, pois essa história teve início por conta de você, da sua insistência de acreditar em mim, mesmo quando eu mesmo não acreditava. Agradeço à senhora por tudo, pois você realizou um trabalho lindo que vai muito além do esporte paralímpico; a senhora me ensinou que eu poderia fazer o que eu quisesse, que eu não deveria me contentar com o básico, mostrando-me que eu poderia chegar em qual quer lugar, com esforço, treino, dedicação e muito estudo. Saiba que você marcou toda uma geração em que eu faço parte, por isso entrei na Educação Física para fazer isso que você faz. Meu muito obrigado, minha eterna professora, mãe, amiga e em breve amiga de profissão.

Aos meus amigos e amigas da Universidade Federal do Maranhão. Ao professor Alex Fabiano, que eu considero o meu padrinho. E à professora e minha amiga Jucileia Neres, uma pessoa maravilhosa que sempre me ajudou.

Ao meu companheiro, Rafael Botelho Dutra, por ter marcado a minha vida como ser humano e como pesquisador. Agradeço ao destino por te colocado você na minha vida, sempre me dando apoio em tudo. Meu muito obrigado por ser um companheiro maravilhoso.

Às minhas amigas que comigo formavam o quarteto da casa dos estudantes da UMA, Hanna, Rosangela e Solange. Quem está longe de casa sente uma saudade inimaginável, por isso não poderia deixar de falar de vocês, que por um bom tempo foram minha família em São Luís. Lembro que em todos os fins de semana era praticamente certo nosso almoço coletivo no quarto de Hanna, cada um falando como foi sua semana, e é por esses e outros momentos que vocês sempre estarão comigo, seja aonde for.

Ao meus queridos amigos e amigas da UFPA, Alexandre, Cassia, Ferreira, Meriam, Raqueline, Rodrigo e Tallyson. Apesar de toda a diferença, esse grupinho de amizade deu certo desde quando entrei nessa instituição, todos sempre se ajudando.

Ao grupo de pesquisa LAFA que fez parte da minha trajetória acadêmica, em especial o Prof. Dr. Anselmo Costa. Obrigado pela oportunidade e por ter acreditado no meu potencial. Aos colegas de grupo, Carlos, Eunice, Naty, Mariano, Aline e Wesley. Muito bom ter vocês como grupo de pesquisa, ainda mais com aquele café que sempre nos deixava mais animados.

A você Prof. Ms. Monica Rezende, de um atleta paralímpico para uma atleta olímpico, acho que foi por isso que essa amizade deu muito certo, altos papos de competições e fisiologia. Obrigado por tudo.

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco a resiliência no desenvolvimento de pessoas com deficiência visual, a partir de uma abordagem contextual com a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner (1996). O público que compõe este estudo é composto por adolescentes com deficiência visual, com idades entre 12 a 18 anos de ambos os sexos que atuam no atletismo paralímpico. A coleta dos dados ocorreu por meio de um questionário semiestruturado com 10 (dez) questões relacionadas a alguns sistemas apresentados por Bronfenbrenner (1996): microsistema, mesossistema e cronossistema. Partindo disso, compreendemos a noção de resiliência a partir de Placco (2002), verificando e compreendendo seu papel no modo como os atletas paralímpicos passam por adversidades e de que maneira eles conseguem superar essas dificuldades. Os dados apontam que o atletismo paralímpico possibilita a inserção do atleta a diversos contextos que proporcionam situações em que o indivíduo assume uma posição resiliente que, por sua vez, contribui para o desenvolvimento físico, social e psicológico.

Palavras-chave: desenvolvimento humano; atletismo paralímpico; bioecologia; deficiência visual; resiliência.

ABSTRACT

This research is focused on resilience in the development of visually impairment people, from a contextual approach with the bioecological theory of Urie Bronfenbrenner (1996). The public participating in this study is composed of adolescents with visual impairment, aged between 12 and 18 years old, who practice Paralympic athletics. The data collection was done through a semi-structured questionnaire with 10 (ten) questions related to some systems presented by Bronfenbrenner (1996): microsystem, mesosystem and chronosystem. Based on this, we understand the notion of resilience from Placco (2002), verifying and understanding their role in the way Paralympic athletes face adversities and how they manage to overcome these difficulties. The data indicate that Paralympic athletics allows the insertion of the athlete to different contexts that provide situations in which the individual assumes a resilient position, contributing to physical, social and psychological development.

Keywords: human development; paralympic athletics; bioecology; visual impairment; resilience.

.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
METODOLOGIA	13
RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19
APÊNDICE	20

INTRODUÇÃO

Segundo Papalia e Feldman (2013), o desenvolvimento humano só passou a ser sistematicamente teorizado com o famoso caso “Victor, o menino selvagem de Aveyron”, ocorrido no século XIX, no Sul da França Central. O menino, que aparentemente tinha 12 anos, vivia nu, cheio de cicatrizes pelo corpo, escalava árvores com extrema facilidade, corria de quatro e não falava, nem respondia à fala.

A autora destaca que o caso do menino Victor despertou questionamentos que deram impulso ao delineamento dos estudos sobre o desenvolvimento humano: “As qualidades e o comportamento do ser humano são características inatas ou adquiridas?”, “Que impacto (ou impactos) tem o contato social para a formação humana?”, “A ausência desse contato social pode ser superada de alguma maneira?” etc. Papalia e Feldman (*ibidem*, p. 45) destaca, ainda, que:

O menino apareceu durante uma época de efervescência intelectual e social, quando uma nova perspectiva científica estava começando a substituir a especulação mística. Os filósofos discutiam questões sobre a natureza dos seres humanos – questões que se tornariam fundamentais para o estudo do desenvolvimento humano”.

As autoras conceituam o desenvolvimento humano como uma área de conhecimento que trata dos processos de mudança e da evolução dos seres humano durante o decorrer da vida, indo desde a concepção até o fim da vida. Isto é, trata-se de uma complexa área de conhecimento que pode ser apreendida sobre diferentes aspectos.

Nesse sentido, importa saber sobre aspectos relacionados a questões motoras, sensoriais (desenvolvimento físico), de memória, de linguagem, de pensamento, de raciocínio, de criatividade (desenvolvimento cognitivo), de emoções, de personalidade e de relações (desenvolvimento psicossocial) (PAPALIA e FELDMAN, *ibidem*, p. 37).

Considerando, pois, toda essa complexidade, o desenvolvimento humano passa a ser concebido a partir de cinco diferentes perspectivas. Vejamos a tabela a seguir, organizada por Papalia e Feldman (2013), que apresenta resumidamente as principais teorias e os princípios básicos de cada uma dessas abordagens

Quadro 1 – Abordagens sobre o desenvolvimento humano

PERSPECTIVA	TEORIAS IMPORTANTES	PRINCÍPIOS BÁSICOS
Psicanalítica	Teoria psicossexual, de Freud. Teoria psicossocial, de Erikson.	O comportamento é controlado por poderosos impulsos inconscientes. A personalidade é influenciada pela sociedade e se desenvolve por meio de uma série de crise.
Aprendizagem	Behaviorismo, ou teoria tradicional da aprendizagem (Pavlov, Skinner, Watson). Teoria da aprendizagem social (social cognitiva).	As pessoas são reativas; o ambiente controla o comportamento. As crianças aprendem em um contexto social por meio da observação e imitação de modelos. As crianças contribuem ativamente para a aprendizagem.
Cognitiva	Teoria dos estágios cognitivos, de Piag. Teoria sociocultural, de Vygotsky. Teoria do processamento de informação.	Mudanças qualitativas no pensamento ocorrem entre a primeira infância e a adolescência. As crianças desencadeiam ativamente o desenvolvimento. A interação social é central para o desenvolvimento cognitivo. Seres humanos são processadores de símbolos.
Contextual	Teoria bioecológica, de Bronfenbrenner.	O desenvolvimento ocorre através da interação entre uma pessoa em desenvolvimento e cinco sistemas contextuais de influências circundantes, interligados, do microsistema ao cronossistema.
Evolucionista/Sociobiológica	Teoria do apego, de Bowlby.	Seres humanos possuem mecanismos adaptativos para sobreviver; períodos críticos ou períodos sensíveis são enfatizados; as bases evolucionistas e biológicas do comportamento e a predisposição para a aprendizagem são importantes.

Fonte: Papalia e Feldman (2013).

Nesta pesquisa, interessa-nos trabalhar a partir da abordagem contextual, uma vez que iremos levar em conta fatores internos e externos, culturais e sociais que interferem nas características individuais e coletivas do indivíduo com deficiência visual.

Há vários estudos, como o de Nepomuceno (2019), de Gesser *et al.* (2020), por exemplo, que se dedicam mais a entender a deficiência e sua relação com o corpo concebido como

saudável, já que os desenvolvimentos físico, cognitivo e psicossocial foram teorizados sob uma perspectiva desse corpo saudável. Além disso, esses estudos também se dedicam a verificar as implicações da deficiência na prática da vida social (a incapacidade, a exclusão social, as limitações etc.).

E, no que diz respeito à área da Educação Física, área em que se situa esta investigação, pode-se considerar que é uma área com estreito diálogo com os estudos sobre o desenvolvimento humano. Isso decorre do fato de que a Educação Física abrange aspectos não só relacionados à compreensão do desenvolvimento motor, mas também considera de suma importância a relação do fator físico com os fatores cognitivo e psicossocial (MAGNUS e CAMARGO, 2012).

A perspectiva contextual, de acordo com Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), vê o desenvolvimento humano como uma função do contexto ambiental e do período temporal histórico em que a pessoa vive. Dessa maneira, o estudo sobre o desenvolvimento humano, nessa concepção, procura investigar as relações dos indivíduos entre si e dos indivíduos com o ambiente.

Nesta pesquisa, iremos trabalhar com a Teoria do Desenvolvimento Humano, que entende o desenvolvimento humano a partir de um ciclo que revela os processos de evolução do indivíduo. Essa teoria, segundo Papalia e Feldman (2013), compreende que desde o momento da concepção há início, nos seres humanos, um processo de transformação que continuará até o fim da vida, uma única célula se desenvolve até se tornar um ser vivo, uma pessoa que respira, que anda e que fala.

Essa área de conhecimento humano se dedica a estudar sobre a vida dos seres humanos pelos domínios do desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial. São esses aspectos os responsáveis em trazer grandes impactos em diversas áreas humanas, como na criação, na educação, na saúde, e nas diretrizes sociais.

Partindo disso, iremos trabalhar com a Teoria Bioecológica de Urie-Bronfenbrenner (1996) que identifica cinco níveis de processos ambientais que interferem na vida do indivíduo em seu amplo contexto, do menor para o maior, do mais íntimo para o mais abrangente, sendo eles: Microssistema, Mesossistema, Exossistema, Macrossistema e Cronossistema. Abaixo um quadro com os níveis de processos ambientais e suas principais características:

Quadro 2 – Níveis de processos ambientais

Microssistema	Influências bidirecionais (lar, escola, grupo de colegas etc.).
Mesosistema	Interação entre dois ou mais microssistemas quaisquer.
Exossistema	Estruturas sociais formais e informais que, embora não contenham a pessoa em desenvolvimento, influenciam e delimitam o que acontece no ambiente mais próximo (amigos dos pais, sistema educacional, mídias de massa etc.)
Macrossistema	Sistema econômico e político, crenças e ideologias dominantes.
Cronossistema.	Dimensão do tempo (mudanças das condições pessoais e sociais ao longo da vida).

Fonte: elaborado pelo autor.

Segundo Benetti *et al.* (2013), esses sistemas são definidos por Bronfenbrenner a partir de aspectos mais específicos a aspectos mais amplos. O microssistema, por exemplo, diz respeito a algo mais intimista, do dia a dia, com pessoas próximas do convívio diário, como a família, amigos da rua do bairro onde a pessoa mora, amigos da escola, professores etc. O mesossistema, por sua vez, se caracteriza como o entrelaçamento de vários microssistemas, a exemplo de uma reunião escolar que envolve pais, professores e alunos. Isto é, são vários microssistemas em um único ambiente proporcionando interações que podem afetar a vida do indivíduo de forma positiva ou negativa.

O exossistema, segundo o autor, ocorre quando um microssistema se junto a um sistema de instituições externas, como, por exemplo, o sistema de transporte público que, se parar de funcionar, afeta toda uma comunidade. Já o macrossistema trata de aspectos mais abrangentes, como questões culturais, políticas, crenças religiosas, sistemas econômicos e como a sociedade afeta a vida de um indivíduo. Por fim, o cronossistema, que, conforme Benetti *et al.* (*ibidem*), refere-se ao tempo e como o tempo pode interferir na vida da pessoa. Mudanças de moradia em curtos espaços de tempo, por exemplo, levam o indivíduo a ter que passar por sucessivos processos de adaptação.

Outro ponto a destacar diz respeito à resiliência, fenômeno que vem despertando interesse em várias áreas de conhecimento. Segundo Fontes e Brandão (2013), ela passou a ser utilizada na Psicologia para caracterizar a capacidade humana de passar por experiências adversas sucessivas sem prejuízos para o seu desenvolvimento, superando e, até mesmo, se fortalecendo diante das adversidades da vida.

Assim, de acordo com Placco (2002, pp. 7-8), a resiliência pode ser definida como:

A capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates.

Entendemos, pois, que a resiliência é um aspecto que traz um conjunto de processos que interferem na vida do indivíduo. Neste sentido, iremos fazer uma correlação da vida de atletas com deficiência visual com a modalidade atletismo paralímpico, dando ênfase à maneira como essa modalidade esportiva e suas implicações impactam nos processos de mudanças desses jovens atletas.

Levando em consideração os sistemas já citados da teoria bioecológica, iremos destacar apenas o Microssistema, o Mesossistema e o Cronossistema e relacioná-los à resiliência. Neste sentido, a resiliência será concebida como um aspecto imprescindível para a formação do atleta, em especial do atleta com deficiência visual, por entendermos que a relação entre este atleta e os ambientes em que ele se insere (dentro os quais se destaca o ambiente proporcionado pela modalidade atletismo paralímpico) pode promover a superação de barreiras físicas, emocionais e sociais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma abordagem quantitativa, uma vez que coletamos dados, por meio de entrevistas, para, posteriormente, fazer a análise a fim de trazer resultados que possam nos possibilitar pensar a relação entre o Atletismo Paralímpico e o atleta adolescente com deficiência visual.

Do ponto de vista dos objetivos, esta pesquisa é explicativa, uma vez que toda pesquisa identifica fatores que determinaram ou contribuíram para explicar uma teoria a respeito de um fato, fenômeno ou processo (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Este trabalho tem como foco a pessoa com deficiência visual, entendido aqui como cego ou baixa visão, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). No atletismo paralímpico, o cego é chamado como T11¹, esse indivíduo só tem a percepção de claridade e vultos; por outro lado, a pessoa com baixa visão é chamada ou de T12 ou de T13, em ambos os casos o indivíduo

¹ De acordo com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), os competidores são divididos em grupos de acordo com o grau de deficiência constatado pela classificação funcional. Os que disputam provas de pista e de rua (velocidade, meio-fundo, fundo e maratona) e salto em distância, levam a letra T (de track) em sua classe. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/modalidades/46/atletismo>.

tem resíduos visuais, pois já pode definir objetos, cores, pessoas, mas isso a depender da distância, quanto mais próximo, melhor para a visão. Entretanto, para a prática do esporte paralímpico há necessidade de se fazer uma classificação oftalmológica visando proporcionar igualdade entre os atletas para a competição.

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada que foi realizada através de roteiro de entrevista. Partindo disto, buscamos identificar a relação entre os sistemas (Microsistema, Mesossistema e Cronossistema) apresentados pelo autor Bronfenbrenner (1996) à noção de resiliência proposta por Rutter (1999) e discutida por Placco (2022), para que, assim, analisássemos os dados que foram coletados nos relatos dos atletas que estão envolvidos nesta investigação, haja vista que esses dados nos proporcionaram um panorama geral de um antes e de um depois na vida dos deficientes visuais enquanto atletas paralímpicos.

Para a análise, direcionamos perguntas que se relacionam mais estritamente a determinado sistema que delimitamos para esta pesquisa, isto é, o microsistema, o mesossistema e o cronossistema. Desse modo, o questionário de 10 perguntas ficou distribuído da seguinte maneira: de 01 a 03 são perguntas direcionadas ao microsistema; de 04 a 06 são perguntas direcionadas ao mesossistema; e de 07 a 10 são perguntas direcionadas ao cronossistema. Por meio dessa distribuição, observamos a resiliência e seu impacto em aspectos físicos, cognitivos e psicossociais dos atletas envolvidas nesta investigação.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 5 (Cinco) atletas deficientes visuais do sexo feminino e masculino, entre 12 e 18 anos, visto que, segundo o ECA² (2017), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, essas idades compreendem a categoria “adolescente”. Esses adolescentes são os atletas paralímpicos da instituição Unidade Especializada Estadual José Álvarez de Azevedo (UEEJAA), localizada em Belém – PA. A escolha da UEEJAA se deu devido ao fato de ela ser a única instituição pública do estado do Pará a atender deficientes visuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a. Microsistema: As perguntas de 01 a 03 estão direcionadas à maneira como os atletas conheceram o atletismo paralímpico, ao tempo em que praticam tal modalidade e à principal motivação que os levou a entrar no universo dessa modalidade paralímpica. Em geral, as respostas mostram que os atletas tiveram conhecimento sobre essa modalidade esportiva por

² Estatuto da Criança e do Adolescente.

meio da UEEJAA, em especial pela figura da técnica, representando aqui um microsistema importante para esse primeiro momento de contato entre atletismo paralímpico e futuros atletas com deficiência visual.

Atleta 1: “[...] a professora (técnica) veio falar comigo sobre os esportes, me explicou sobre o esporte paralímpico e depois conversou com minha mãe”.

Atleta 2: “[...] de cara, eu não me interessei, mas ela insistiu tanto que acabei indo conhecer, e comecei a gostar”.

Por meio desses dois fragmentos, observamos dois aspectos importantes: a preocupação da técnica em explicar sobre o universo do esporte e, em especial, do atletismo paralímpico, e sua insistência em querer inserir esses indivíduos no esporte. Pelas respostas dadas às três primeiras perguntas, observamos que houve, inicialmente, uma certa resistência dos atletas e de alguns familiares por considerarem o fator deficiência visual como uma barreira para a prática do esporte, ao levarem em conta os rótulos sociais e os pré-julgamentos sobre a pessoa com deficiência visual. Isso indicia o capacitismo que, segundo Vendramin (2019, p. 17), trata sobre “a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes”. Por isso, a atuação da técnica se coloca aqui como fundamental para a inserção desses indivíduos no mundo esportivo. E, ao agir desse modo, a ponto de fazer os alunos se perceberem como capazes de atuar por meio do esporte paralímpico, o microsistema, representado pela figura da professora Kátia, potencializa a resiliência desses jovens atletas.

Em casa, na rua e na escola, outros microsistemas, alguns atletas relatam o apoio de familiares e de amigos, o que nos possibilita compreender que isso fortalece a inserção desses indivíduos e a resiliência diante da resistência para o primeiro passo no mundo do atletismo paralímpico.

Atleta 3: “Minha família e amigos sempre me apoiaram, me dando incentivos para continuar e não parar. Eu entendo que a vida de atleta não é só vitória, e a minha base, meu ponto forte, era minha família.”

Atleta 4: “Na minha família, algumas pessoas me apoiam, me motivam através de palavras, e sempre gostam dos resultados. Meus amigos também... com interesses em me assistir ou até mesmo em participar como atleta guia ou ajudar de alguma forma. Na escola eles gostam, mas não conhecem muito sobre a modalidade paralímpica [...]”.

b. Mesossistema: Esta parte compreende as respostas direcionadas pelas perguntas de 04 a 06, que tratam sobre a importância da UEEJAA, e de outros elementos desse microsistema para o desenvolvimento dos atletas entrevistados. Sabemos que o mesossistema, conforme Bronfenbrenner (1996), diz respeito ao entrelaçamento de vários microsistemas em um mesmo ambiente. Observamos, pois, que o atletismo paralímpico oferecido pela UEEJAA oportuniza a participação dos atletas em eventos esportivos que, por sua vez, representam mesossistemas que põe em contato diversos microsistemas com o indivíduo.

Para o atleta 2 (que não nasceu com a deficiência visual, pois a adquiriu depois, e em decorrência disto passou a se isolar do mundo), por exemplo, a participação nesse tipo de evento foi fundamental para que ele passasse a encarar sua deficiência de outra maneira, uma vez que ele presenciou pessoas com diversas deficiências praticando e disputando modalidades esportivas em um evento esportivo de nível nacional.

Atleta 2: “[...] depois que eu fiquei cego, eu me fechei, fiquei antissocial, e muitas coisas que as pessoas com deficiência faz eu não sabia. Depois que eu fui para São Paulo, na competição nacional, e pude vivenciar, ver todo tipo de deficiência, e fazendo tudo... tipo, cego luta judô, cego joga futebol, natação, cara... eu posso fazer o que eu quiser e poder ver isso, pois antigamente eu era o único cego da minha escola”.

O Atleta 2, posto em interação com outros microsistemas em um mesmo ambiente, passa a conviver com outras realidades que se assemelham a sua no que diz respeito à deficiência. Essa experiência, que não era vivida e oportunizada em sua antiga escola, gera um impacto resiliente no atleta. Ele passa a conceituar a deficiência de tal modo que desloca a deficiência da incapacidade.

Outro ponto importante foi relatado pelo Atleta 3. A UEEJAA é uma instituição que trabalha com pessoas com diversas deficiências. É recorrente a convivência entre pais, mães, professores, administradores, jovens, adultos, crianças com e sem deficiência etc. nesse ambiente. Isto possibilita o desenvolvimento psicossocial dos novos alunos que adentram ao mundo do esporte paralímpico. Essa socialização decorre das trocas de experiências de vida que a UEEJAA proporciona.

Atleta 3: “[...] o fato de eu ver no Álvares pessoas adultas com deficiência... e quando você conversa com elas... e elas dizem que trabalham... fazendo faculdade etc., você fica mais leve, pois na minha cabeça eu iria ser totalmente excluído da sociedade. Pois eu pensava “e

agora, qual vai ser a minha profissão já que tenho uma deficiência?”... e quando eu vi que lá tinha professores cegos, com mestrado, doutorado, então fui entendendo que a minha deficiência não poderia me limitar.

c. Cronossistema: As questões de 07 a 10 estão direcionadas ao cronossistema, são perguntas que, de um modo geral, tratam da relação com frustrações, dos impactos que a modalidade trouxe para os atletas, do papel da UEEJAA para o desempenho na modalidade paralímpica e de um percurso que abrange um antes e um depois como atletas.

A resposta do Atleta 1 corrobora para pensarmos a resiliência sobre o aspecto da autonomia, característica geralmente ausente na vida das pessoas com deficiência, uma vez que, desde a infância, “aos cegos foi impingido com sucesso o rótulo de dependentes” (MACHADO, 2002, p. 52). Esse atleta, por exemplo, não executava coisas básicas dentro de sua casa, havia sempre a dependência por outras pessoas que pudessem fazê-las por ele. Com o passar do tempo, a prática do atletismo paralímpico e as experiências adquiridas a partir desse relacionamento passaram a gerar impactos positivos no que diz a emancipação desse indivíduo,

Atleta 1: “[...] quase sempre as pessoas faziam tudo para mim, eu não fazia nada sozinho, agora já tenho a liberdade de fazer algumas coisas só, o esporte me deu uma autonomia”.

A qualidade de vida também se reflete na coordenação motora. O sedentarismo, segundo Carroll *et al.* (2014), é um dos problemas mais recorrentes na vida da pessoa com deficiência visual, e isso se dá principalmente pela falta de confiança em si e pela dependência exacerbada a outras pessoas. A prática do esporte paralímpico, que trabalha com a velocidade, a coordenação motora, o equilíbrio, a força, a orientação espacial e a orientação corporal colocam-se como uma opção para a superação dessa barreira física, proporciona uma atitude resiliente no indivíduo para que ele se veja diante de uma questão a ser ultrapassada. As falas do Atleta 4 e da Atleta 1 demonstram que um dos benefícios dessa prática corresponde a esse aspecto físico.

Atleta 4: “O esporte mudou várias coisas [na minha vida], desde a minha coordenação motora, meu sedentarismo [...]”.

Atleta 1: “[...] eu era toda desajeitada, vivia caindo, tinha vergonha de tentar fazer as coisas e não conseguir [...] já saio, já tenho uma orientação de espaço muito boa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, pudemos observar que a prática do atletismo paralímpico traz benefícios físicos, sociais e psicológicos aos atletas com deficiência visual, a partir de fatores contextuais específicos ou amplos, tais como: o processo de aceitação como pessoa com deficiência, a relação com familiares, amigos etc., o envolvimento em ambientes em que há pessoas cegas com outras experiências de vida, o processo de adaptação às técnicas do esporte paralímpico etc., tudo isso contribuindo positivamente para que o atleta assuma uma postura resiliente diante das adversidades impostas a sua condição fisiológica.

Desse modo, conseguimos compreender o desenvolvimento humano do indivíduo com deficiência visual por meio de sua experiência com o atletismo paralímpico, verificando as situações em que a resiliência se coloca como fator imprescindível.

Acreditamos que esse assunto não se esgota com este estudo, por isso esperamos dar continuidade a essa pesquisa em projetos futuros.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, I. C.; VIEIRA, M. L.; CREPALDI, A. M.; SCHNEIDER, D. R. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, v. 9, N. 16 / enero-diciembre, 2013, pp. 89-99.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CARROLL, D. D.; COURTNEY-LONG, E. A.; STEVENS, A. C.; SLOAN, M. L.; LULLO, C.; VISSER, S. N.; DORN, J. M. Vital signs: disability and physical activity - United States, 2009-2012. **Morbidity and Mortality Weekly Report**, 2014, pp. 407-413.
- ECA 2017. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei federal número nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Versão atualizada. – CEDECA - Rio de Janeiro.
- FONTES, R. C.C.; BRANDÃO, M. R. F. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Motriz**, Rio Claro, v. 19 n. 1, p. 151-159, jan./mar., 2013.
- GALLAHUE, D.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendo o desenvolvimento motor**. Porto Alegre/Rio Grande do Sul. AMGH, 2013.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GESSER, M.; BOCK, G. L. K.; Lopes; P. H. **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social** – Curitiba: CRV, 2020.
- MACHADO, F. E. **Crianças cegas: uma etnografia das classes de alfabetização do Instituto Benjamin Constant**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- MAGNUS, E.; CAMARGO, M. A contribuição da Educação Física para o desenvolvimento dos aspectos físico, cognitivo e psicossocial junto à educação infantil. *In: EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Año 17, Nº 172, Septiembre de 2012.
- NEPOMUCENO, M. F. **Apropriação no Brasil dos estudos sobre deficiência: uma análise sobre o modelo social**. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, 2019.
- OMS. **State of the world's sight: Vision 2020: the Right to sight 1995-2005**. Hyderabad (Índia): Pragati Offset Pvt. Ltd., 2005.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. **Desenvolvimento humano**. – 12. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2013.
- PLACCO, V. M. N. S. Prefácio. *In: TAVARES, J. (Org.) Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 7-12. RUTTER, M. **Resilience concepts and findings: implications for family therapy**. *Journal of Family Therapy*. Oxford. v. 21, p. 119-144, 1999.
- RUTTER, M. Resilience concepts and findings: implications for Family therapy. **Journal of Family Therapy**. Oxford. v. 21, p. 119-144, 1999.
- VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. *In: Simpósio Internacional repensando mitos contemporâneos*, (2019).

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA O(A) ATLETA DE ATLETISMO PARALÍMPICO

Nome: _____

Classificação: _____

Idade: _____

Gênero: _____

1. Como você conheceu o esporte paralímpico?
2. Há quanto tempo você pratica o atletismo paralímpico?
3. Qual foi/é a sua motivação para a prática dessa modalidade?
4. Qual é o papel de sua família, de seus amigos e de seus colegas da escola para o seu desempenho nessa modalidade?
5. Como você descreve a importância dessa modalidade paralímpica e do(a) técnico(as)/professor(a) para o seu desenvolvimento?
6. Como você descreve o papel da UEEJAA para o seu desempenho no atletismo paralímpico e no seu desenvolvimento geral?
7. De que modo o esporte paralímpico impactou sua vida?
8. Como você passou a encarar desafios depois que começou a praticar o atletismo paralímpico?
9. Depois que começou a praticar o atletismo paralímpico, como você lida com resultados insatisfatórios?
10. Faça um paralelo de um antes e de um depois da sua vida como atleta paralímpico.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS BELÉM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTE DA
PESQUISA

**Deficientes visuais e prática de atletismo paralímpico: uma análise bioecológica desta
relação**

Objetivos da pesquisa:

Objetivo geral: Analisar o desenvolvimento de adolescentes com deficiência visual a partir da prática do Atletismo Paralímpico.

Objetivos específicos: a) Apurar as experiências de adolescentes com deficiência visual sobre suas vidas antes e depois da prática de Atletismo Paralímpico; b) Identificar os impactos resilientes no desenvolvimento de atletas com deficiência visual no contexto do esporte paralímpico; e c) Registrar, a partir de uma perspectiva bioecológica, os fatores internos e externos pertinentes para o desenvolvimento dos adolescentes com deficiência visual considerando sua inserção no meio esportivo.

Procedimentos do estudo: Caso você aceite participar da pesquisa, os dados serão coletados por meio de uma entrevista semiestruturada que será realizada através de roteiro de entrevista. Partido disto, buscaremos identificar a relação entre os sistemas Microsistema, Mesossistema e Cronossistema, para que, assim, posamos analisar os dados que serão coletados nos relatos dos atletas que estarão envolvidos nesta investigação, haja vista que esses dados nos proporcionarão um panorama geral de um antes e de um depois na vida dos deficientes visuais enquanto atletas paralímpicos. As entrevistas semiestruturadas serão realizadas com deficientes visuais do sexo feminino e masculino, entre 12 e 18 anos, visto que, segundo o ECA³ (2017), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, essas idades compreendem a categoria “adolescente”. Esses adolescentes serão os atletas paralímpicos da instituição Unidade Especializada Estadual José Álvarez de Azevedo (UEEJAA), localizada em Belém – PA. A escolha da UEEJAA se dá

³ Estatuto da Criança e do Adolescente.

devido ao fato de ela ser a única instituição pública do estado do Pará a atender deficientes visuais.

Desconforto e riscos de participação: Ao participar desta pesquisa, você não correrá nenhum risco quanto a sua integridade física ou moral. O desconforto pode acontecer devido ao tempo para a realização da entrevista, mas a qualquer momento poderemos dar uma pausa para você descansar, beber água etc.

Benefícios da pesquisa: Você não terá benefício financeiro com sua participação nesta pesquisa, mas estará ajudando a levantar informações sobre a pessoa com deficiência visual, sobre a prática do Atletismo Paralímpico e sobre os fatores bioecológicos que interferem no desenvolvimento desse indivíduo. Além disso, tudo isso nos permitirá compreender melhor os aspectos resilientes da prática de uma atividade paralímpica na vida da pessoa com deficiência visual.

Esclarecimentos: Você é convidado a participar da pesquisa, portanto não é obrigado a aceitar e pode se recusar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer problema. Caso você não se sinta à vontade com uma ou mais perguntas, poderá questioná-la(s) e interrompê-la(s), pois isto não inviabilizará a sua participação na pesquisa se isto for de sua vontade. Para isso basta falar com o pesquisador. Em qualquer momento, você poderá pedir mais informações ou esclarecimentos sobre a pesquisa e sua participação. Para informações ou reclamações sobre os aspectos éticos, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do telefone (91) 99906-7345 ou pelo e-mail alexsandrosantos100@gmail.com.

Confidencialidade: A sua identidade e de todos os voluntários será mantida em total sigilo, tanto pelo pesquisador como pela instituição onde será realizada a pesquisa. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em palestras, cursos, conferências, periódicos científicos ou outra forma de divulgação que possa transmitir os conhecimentos para a sociedade e profissionais da área, sempre sem nenhuma identificação dos participantes.

Gastos adicionais: Não estão previstos gastos para a sua participação no projeto.

Consentimento pós-informação: Após ler e compreender as informações, eu: _____

portador da Carteira de Identidade n. _____, esclarecido sobre todos os aspectos da pesquisa, como objetivos, riscos, procedimentos e sigilo, dou de livre vontade meu consentimento para minha inclusão como sujeito da pesquisa, sabendo que utilizarão das falas transcritas para a pesquisa. Assim, assino este documento de autorização e recebo uma cópia do mesmo.

Assinatura do Participante Voluntário

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador
Alexsandro Dos Santos Lopes
Fone: (91) 999067345
E-mail: alexsandrosantos100@gmail.com

Data: ____/____/____

Anselmo de Athayde Costa e Silva
Fone: (91) 983159631
e-mail: anselmocs@ufpa.br

Data: ____/____/____